

AJG 7/2

Des. Economico-ES

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

OPINIÃO 23

DOMINGO, 20 DE NOVEMBRO DE 2011 A GAZETA

Alencar Garcia de Freitas

É jornalista

/// O nosso Estado só passou a crescer verdadeiramente em todas as direções quando resolveu deixar de lado a síndrome do patinho feio

Dos cafezais aos royalties

Quando aqui chegamos, este Estado era realmente muito pequeno geograficamente – e continua, lógico – e menor ainda como agente do desenvolvimento político, econômico, social e cultural da Região Sudeste. Éramos o patinho feio, apesar das nossas potencialidades: terras altamente agricultáveis, abundância de água, clima de montanha agradávelíssimo, extenso litoral com praias paradisíacas, grandiosas reservas de petróleo até então desconhecidas e exploradas e, acima de tudo, um povo alegre, hospitaleiro e trabalhador.

A economia até então vivia presa nos frágeis galhos dos cafezais, como dizia Jones dos Santos Neves, que foi interventor, senador, governador e um dos mais brilhantes líderes políticos da época.

A despeito de todas essas riquezas, faltavam no Estado ideias e propostas mais arrojadas com visão verdadeiramente futurista, talvez por inibição e pelo fato de estar espremido entre três grandes: Minas, Rio de Janeiro e São Paulo; tendo ainda como vizinho um pedaço da Região Nordeste representado pela Bahia, um dos principais celeiros de lideranças políticas e empre-

sariais do país.

O nosso Estado só passou a crescer verdadeiramente em todas as direções quando resolveu deixar de lado a síndrome do patinho feio, entendendo que aquele que não pode ser o maior entre os maiores, pode, sem dúvida, ser um dos melhores entre os melhores.

A melhoria veio com a descoberta, no seu subsolo e no seu mar, de ricas reservas petrolíferas que, somadas ao café e a outras riquezas, davam-lhe condições de falar mais alto e convencer os vizinhos e também o resto do Brasil de que o Espírito Santo é muito mais rico do que se pensava.

Está mais do que provado que o nosso futuro não está só no café, que continua sendo um dos pontos mais fortes da economia capixaba, mas tem em jogo petróleo e pré-sal que enchem os olhos e enchem de ambição os outros Estados; aqui também têm siderúrgicas, mineradoras, indústrias da construção civil, indústrias de alimentação, confecções, calçados, e, conseqüentemente turismo de negócios e outros tipos de turismo.

Hoje, enquanto brigamos pelos nossos royalties, estamos mostrando que não somos mais aquele patinho feio sem vez e sem voz do passado; somos um Estado altamente viável, competitivo, um dos que mais contribuem, entre os grandes, em termos de impostos pagos, e um espírito aguerrido com que haveremos de conquistar o que temos de direito: os royalties decorrentes do petróleo extraído em terras e mares capixabas.